



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Sou Agro

Data: 04/05/2012

Link: <http://www.souagro.com.br/clima-tropical-pede-o-uso-de-agroquimicos>

Caderno / Página: - / -

Assunto: Clima tropical pede o uso de agroquímicos

Clima tropical pede o uso de agroquímicos

Sem os defensivos produção despencaria; tecnologia e manejo garantem alimentos sem riscos

Lívia Andrade

A notícia de que o Brasil superou os EUA no consumo de agroquímicos – também chamados de defensivos agrícolas ou agrotóxicos – tem sido recorrente na mídia. Os últimos números revelam que o mercado brasileiro do produto movimentou US\$ 7,3 bilhões em 2010, uma fatia de 19% do consumo global atrás dos EUA que responde por 17%.

Mas você sabe o que há por trás disso? Primeiro, há um crescimento significativo na colheita de grãos no Brasil. Só para exemplificar, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção de soja saltou de 15,4 milhões de toneladas na safra 1980/1981 para 75,3 milhões de toneladas na safra 2010/2011. Seguindo essa evolução, a demanda por defensivos também aumentou.

Mas você deve estar se perguntando: “O Brasil não poderia produzir sem o uso desses agroquímicos?”. Nos dias atuais seria impossível manter a produção de grãos no mesmo patamar sem o uso dessa tecnologia. Isso porque o Brasil tem clima tropical, marcado pelo calor e umidade, o que favorece a proliferação de pragas: ervas daninhas, fungos, insetos, bactérias e vírus.

“Países com o inverno mais frio acabam usando menos, porque as baixas temperaturas funcionam como um dedetizador natural. Se não matam totalmente os insetos, diminuem significativamente sua população”, diz José Djair Vendramim, professor do departamento de Entomologia e Acarologia da Esalq – Usp Piracicaba.

Quanto aos métodos alternativos, sim, eles existem e estão sendo aprimorados. Um deles é o controle biológico, que consiste da inserção, em uma determinada área, de predadores naturais da praga que causa prejuízos econômicos àquela lavoura. Outra opção são os defensivos naturais, produtos feitos a partir de extratos de plantas, que têm efeito acaricida, fungicida, etc. Um bom exemplo é o óleo de neen, uma árvore originária da Índia.

O produto é um inseticida e tem atividade biológica sob 400 insetos. “Pode matar o inseto diretamente ou inibir sua alimentação, comprometendo seu desenvolvimento”, explica Vendramim. No entanto, o professor salienta: “Nesse momento, devido às grandes áreas de produção comerciais, não teríamos matéria-prima suficiente para combater as pragas só com o uso de defensivos naturais”. A dificuldade é a matéria-prima.

“Esses produtos são feitos a partir de plantas e você precisa de uma grande área plantada para produzir em escala”, diz Vendramim. Não por acaso, os defensivos naturais têm sido usados em culturas caracterizadas por áreas menores, como o cultivo de hortaliças e legumes. A solução, segundo o professor, é o manejo integrado, que associa produtos sintéticos, produtos naturais e controle biológico ao uso de uma variedade resistente.

“O problema é que as sementes resistentes, que vão reduzir o número de aplicações de agroquímicos, acabam produzindo um pouco menos e os produtores olham para isso e se esquecem de computar o quanto deixarão de gastar aplicando menos defensivos”, diz Vendramim.

Polêmicas

Para quem é contra o uso de agroquímicos, o argumento mais usado são números do Ministério da

Saúde, bem como dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) de resíduos de defensivos nos alimentos.

“O que faz o veneno é a dose não é o princípio ativo”, diz Eduardo Daher, diretor executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef). “É como tylenol: na quantidade certa cura dor de cabeça, mas a superdosagem pode matar”, diz.

Além disso, hoje a maioria das grandes fazendas hoje tem um fiscal só para garantir que os trabalhadores usem os equipamentos de proteção individual (EPIs) necessários para a aplicação do produto.

Treinamento

Indústria e Academia são unânimes em dizer que falta assistência técnica. “Precisamos de agrônomos extensionistas para levar os novos conhecimentos ao agricultor”, diz Vendramim. “As Casas de Agricultura não dão conta”, diz o professor. Para suprir esta lacuna deixada pelo governo, nos últimos cinco anos, a indústria investiu R\$ 10,8 milhões em projetos de educação e treinamento de oito milhões de pessoas. O objetivo é produzir sempre mais e com mais segurança, contemplando assim produtores e consumidores.